

que é verdade que vivamos no pós-modernismo; e por isso este livro - obra de uma tradição crítica  
 - da época estética contra o antimodernismo, especialmente o antimodernismo futurista,  
 leva lê-la - aqui algo se dirá de maneira introdutória. Isso deve suceder imediatamente, com  
 lectualidade em geral com o presente, falando grosseiramente, talvez grosseiramente, talvez  
 clássico: de Voltaire a Hegel. O presente é esclarecido (a propósito da modernidade) com a  
 produto do presente, com a ajuda de meios contemporâneos. Assim, a modernidade (a modernidade)  
 de Rousseau, passando por Novalis e Nietzsche, até a onda de modernidade. Com a modernidade  
 a. Temos então (b) a negação antimodernista do presente em nome de um futuro. Esta pode ser  
 via antes dos tempos modernos, antes do cristianismo, antes da civilização, antes da explosão  
 moderna origina-se da decadência; assim contra essa ruína, a contraindicação de modern  
 o modernismo que exalta o passado. Esse antimodernismo, porém, é suscetível de avanço. Tem  
 futurista: seu protagonista era Fichte com seu diagnóstico do presente. O tempo de "ple  
 presso é a crítica filosófico-revolucionária da alienação da sociedade burguesa (Marx), cu  
 minoridade, como era da espoliação capitalista, como época da alienação (Marx), com  
 der modo terminal, não é mais questionada a partir de um passado histórico, como são o  
 va do pós-moderno. Também este ataque histórico-filosófico ao mundo existente em nome  
 tence a esse antimodernismo futurista, com o qual, entretanto, a própria modernidade não  
 idade em nome de certo futuro salvífico; desse modo a consequência mais importante da opo  
 pós-moderno é o desaparecimento do antimodernismo voltado para o futuro. Isso não con  
 e arte real; pois seu traço mais evidente, o pluralismo de estilo, é precisamente a questão  
 milênio. O **pós-moderno** de fato, enquanto configuração real, é o contrário do historicismo.  
 leitor o uso que faça dos textos editados: se os emprega como antídoto, como ajuda para  
 alguma da modernidade, mas justamente o contrário: a defesa do mundo moderno (em inglês  
 , quer deixar a modernidade atrás de si; depois do pós-moderno, talvez também. Para isso  
 mais da pluralização da arte estética: quanto mais moderno se torna o mundo moderno, tan  
 zante, que, no mundo moderno, compensa o processo de sua racionalização, sempre tenden  
 estabelece o consenso. Ao dizê-lo, o crítico acentua o pluralismo, a "aesthetica" (estética)  
 n isso, porquanto a formulação do título se quer ambígua pelo sentido limitado da palavra  
 , mas é igualmente decisivo considerar que o que não é estético é também estético, t  
 npo, contudo, a arte - e isso vale de maneira particular para a arte - o processo de sua este  
 , nesse sentido, é anestético. O livro consta de oito ensaios, originados entre 1959 e 1989, p  
 1960, permaneci na Universidade. Por isso, mais atuais que as perguntas modernas são  
 a arte? Pode e deve ela tornar-se tema de uma estética? Por que esse tema se tornou a ida  
 as artes e a não mais bela, converteu-se em tema da estética. Justamente em nome do fim  
 ona com o processo moderno da objetivação (Versachlichung) e com a "revolucionár  
 recusável para o mundo moderno, sendo o mundo moderno inevitavelmente um mundo estético  
 especificamente moderna, desse confronto, como Hans Robert Jauß o nomeou, o hist  
 nte, são justificadas muitas ou até todas as formas de arte. Esta pluralização estético-  
 no moderno. Como foi dito e agora se mostra, todos estes escritos se encontram ao trabalh  
 mo formulai na introdução autobiográfica a meu Abschied vom Prinzip der Kunst e desprido  
 terungi pela arte - pela tentativa de, pelos sons, imagens e palavras, tomar a realidade ma  
 nte em realizar, senão que em possibilitar: um percurso, portanto, pluralístico. Os resultad  
 pensação: a arte estética e a estética filosófica se tornam especificamente plural. A neces  
 rvadora, resultante da experiência da arte estética - a perda de realidade, sem qual é impo  
 uso equivale a dizer: quanto mais moderno se torna o mundo moderno, mais inevitável  
 do ou antimodernista ou pluralista. Pela estetização da arte, a "beauty" (bela) chama-se  
 imodernista, é arriscada; pois não é de se desejar a supressão do mundo existente, não  
 em sempre a arte foi arte estética; e nem sempre a filosofia precisou e teve a estética pa  
 contrário: tudo isso é uma questão completamente moderna. Pode-se concluir pelo dal  
 não estava dito: que nem toda "doutrina da sensibilidade" (Sensibilität) e não apenas a filosofi  
 do da arte (1802-1805), a estética se torna transitoriamente o ramo considerante da filosofi  
 da arte; que a arte se torna o objeto da sensibilidade; que assim a bela se torna a mesm  
 o com quatro teses, que, compatíveis entre si e provavelmente convergentes, proclamam respo  
 como juiz do mundo, rejeita o mundo existente, estabelece o fim de mundo e estabelece, de s  
 sucedera, assumir a condição da autonomia, para permanecer arte e pensamento do mun  
 na da negação resgatadora e escatológica do mundo é a filosofia (a história revolucionária) d

# marquard, o do

# Resumo de Estética e Anestética: Reflexões Filosóficas

"Por isso, mais atuais do que as perguntas pelo pós-moderno, são e permanecem – e também no campo do estético – as perguntas pelo moderno. Como, por exemplo: que é a arte?

Pode e deve ela tornar-se tema de uma estética? Por que esse tema só aparece na Idade Moderna? Antes de se converter em estética, que era a filosofia do belo e da arte?

Por que a arte – as belas-artes e a não mais bela – converteu-se em tema da estética, justamente em face do "fim da arte"? Por que a estética apresenta-se essencialmente como "dupla estética"?

Como o estético se relaciona com o processo moderno da reificação [Versachlichung] e com a filosofia revolucionária da história? Que significa a "propensão para a obra de arte total"? Por que o estético é e permanece irrecusável para o mundo moderno, sendo o mundo moderno inevitavelmente a era do estético?" Essas questões e outras semelhantes serão discutidas nos oito ensaios que compõem este "Estética e anestética", primeiro livro de Odo Marquard publicado em português, pela série *aesthetica* da martelo casa editorial, com tradução do alemão de Luiz Costa Lima.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)